Bernardo Montalvão Varjão de Azevêdo

O Ato de Decisão Judicial:
Uma Irracionalidade Disfarçada

Posfácio - O Problema do Ato de Decisão Judicial e a Televisão

49708

BIBLIOTECA TEIXEIRA DE FREITAS - UFBA
49708

Editora Lumen Juris
Rio de Janeiro
2011

Digitalizado com CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
TOMBAMENTO PATRIMONIAL
Nº 171685 Data: 07/02/12

Copyright © 2011 *by* Bernardo Montalvão Varjão de Azevêdo

Produção Editorial
Livraria e Editora Lumen Juris Ltda.

A LIVRARIA E EDITORA LUMEN JURIS LTDA.
não se responsabiliza pela originalidade desta obra
nem pelas opiniões nela manifestadas.

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais. A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art. 184 e §§, e Lei nº 10.695, de 1º/07/2003), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos desta edição reservados à
Livraria e Editora Lumen Juris Ltda.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
BIBLIOTECA
Nº DE ENTRADA DO SIBI 241 62276
VALOR R$ 41,22

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A986a

Azevêdo, Bernardo Montalvão Varjão de
O ato de decisão judicial : uma irracionalidade disfarçada / Bernardo Montalvão Varjão de Azevêdo. - Rio de Janeiro : Lumen Juris, 2011.

ISBN 978-85-375-0920-3

1. Poder judiciário. 2. Função judicial. 3. Juízes - Decisões. I. Título.

11-0898.
15.02.11 16.02.11

CDU: 347.9
024574

Digitalizado com CamScanner

Uma breve apresentação de um amigo...

Uma vida cheia de "talvezes". Quando o poeta Narlan Matos indicou em seu Senhoras e senhores: O amanhecer, premiado em todas as instâncias pela leveza da pena, a presença de dúvidas no viver quis determinar uma nova forma de sentir a vida. A academia tem orgulhos próprios. Diferentemente do restante do mundo, ao inverso dos quereres subalternos, os livros são escritos para quem sente falta. Os livros são escritos por quem sente a falta. Uma ausência deliciosa da certeza prepotente de tudo saber.

Bernardo Montalvão Varjão de Azevêdo é um dos novos pensadores do direito contemporâneo. Vê as mazelas sociais e tenta, a pouco e pouco, seduzi-las em discurso coerente-resolutório. Os textos de Bernardo são como a sua personalidade: cheios de profundidade e citações de rodapé. Sempre ansioso pelas coisas do conhecimento, sempre cheio de incertezas, sempre buscando colmatar lacunas. Assim anda Bernardo no mundo da vida, em meio a muitos sonhos. Não foi tocado pelo demônio da completude. Sempre em viagem. Entre suas lutas e labutas, ele busca e viaja.

São tantas viagens. Vôos teóricos e abstratos. Mas, ele deambula só. Às vezes nos convida. Oferece a passagem. Sempre quer saber o opinativo dos trechos por ele percorridos, dos livros que leu, dos grandes homens conhecidos. Em alguma de suas viagens, certo dia ele te apresentará Habermas ou algo parecido. Senão, não é Bernardo.

Ainda, deslumbra-se com os mestres, por eles fascina-se. Ele sabe que a estrada do conhecimento não tem fim, que parte dela é percorrida solitariamente e que podemos pegar caronas interessantes, com quem nela já foi mais longe – ou ao menos tentou. Ele se empolga. Sempre cheio de entusiasmo. Todos os seus livros são marcados, lidos, relidos, trelidos e fichados.

Como uma terra arada, seus opúsculos são tratados para o plantio. Quer deter o conhecimento, segurá-lo, amarrá-lo, mas também tem consciência que ele se esvai e se perde com renovadas interrogações. Ainda, não tem aquele ar de quem nada ignora. Ele se importa com as coisas difíceis e bonitas que dizem os autores. Fica horas e horas pensando sobre elas e como ser humano curioso, permanece sedento por saber a nossa opinião. Quando, uma vez, no curso de mestrado da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, tínhamos de exercer a dificílima função

Digitalizado com CamScanner

de debatedores das atualíssimas idéias expostas, nos deliciávamos com o surgimento das interrogações sem resposta.

Notar a convicção, sempre eterna, de manter a mente acesa. Pensar a forma profunda de dizer os mesmos ditos de antanho, atualizados e – por que não reafirmar –, caso não houvesse entendimento, imbricados com traduções explícitas, escritas alhures. Desfechar o pensamento com maestria de músico que sente o momento do furor dos audientes. A tarefa de apresentar o Bernardo – autor do presente livro – é, de uma forma ou de outra, uma descortinação de nós mesmos – uma alethéia das nossas amizades -. Os amigos são partes de nós.

A última forma de alegrar-se é manter a fraternização do ser. Quando Sócrates, em seus períodos de pausa filosófica, andava no mercado local sempre lembrava aos passantes: quanto há de desnecessário para a minha felicidade. Bernardo é um sopro de luz. Os senhores terão a difícil tarefa de resistir à caneta encantadora de um belo escritor. Em frente, amigo. Estamos, mais uma vez, felizes pela nova mensagem. Caminhando com você, sentamos à sombra, na ânsia de aplaudir e sermos excelentes platéias.

Força e honra, Bernardo.

Salvador, 10 de agosto de 2010.

Juliana Pinheiro Damasceno e Santos
Urbano Félix Pugliese do Bomfim.

Digitalizado com CamScanner